

102- A musicoterapia ampliando os atendimentos interdisciplinares. Fabricia Santos Santana/GO¹ e Sandra R. Nascimento/GO.²

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma experiência de estágio curricular supervisionado realizado durante o curso de graduação em Musicoterapia (EMAC/UFG, 2008). O estágio, compreendido na área da Musicoterapia na Educação Especial, teve seu desenvolvimento no Centro Brasileiro de Reabilitação e Apoio ao Deficiente Visual (CEBRAV), em Goiânia – Goiás, durante o ano de 2008. Através deste artigo pretende-se discutir a participação da Musicoterapia numa equipe interdisciplinar, trazendo uma perspectiva integrada entre os diversos profissionais, tendo como objetivo principal apresentar as contribuições que os atendimentos interdisciplinares proporcionam ao desenvolvimento global do indivíduo com deficiência visual. Os dados coletados foram analisados e discutidos a partir da teoria de BRUSCIA (2000) e JAPIASSU (1976) estabelecendo uma relação entre a atuação musicoterápica e a interdisciplinaridade. A partir desse estudo, foi possível notar que a participação do musicoterapeuta em uma equipe interdisciplinar favoreceu, em diversas ações, a expansão de infinitas possibilidades, tanto em relação à aplicabilidade musicoterápica, na construção e expansão dos conhecimentos de todos os envolvidos, bem como no desenvolvimento global do indivíduo atendido.

ABSTRACT

This work is the result of an experiment supervised training curriculum conducted over the course of studies in Music (EMAC / UFG, 2008). The stage, running in the area of Music in Special Education, had its development in the Brazilian Center for Rehabilitation and Support for visually impaired (CEBRAV) in Goiânia - Goiás, during the year 2008. Through this article intends to discuss the participation of Music in a interdisciplinary team, bringing an integrated approach between the various professionals, having as main objective to present the contributions that provide interdisciplinary care to the overall development of individuals with visual impairments. Data collected were analyzed and discussed the theory of sudden (2000) and JAPIASSU (1976) establishing a relationship between music and interdisciplinary performance. From this study it was possible to note that the participation of an interdisciplinary team in musicoterapeuta favored in several actions, the expansion of infinite possibilities, both in relation to the applicability music, construction and expansion of knowledge for all involved, as well as overall development of the individual served.

PALAVRAS-CHAVES: musicoterapia; interdisciplinaridade; desenvolvimento global.

¹ Graduanda no curso de Musicoterapia pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Atualmente atua como estagiária na Pediatria do Hospital das Clínicas /UFG. Email: fabymtsantana@yahoo.com.br
² Musicoterapeuta, Coordenadora e Supervisora-clínica de estágio do Curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás - UFG. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/ FE/UFG. Email: srochakanda@hotmail.com

A proposta deste artigo é resultado da atuação musicoterapêutica interdisciplinar, vivenciada durante o estágio curricular supervisionado do curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, no Centro Brasileiro de Reabilitação e Apoio ao Deficiente Visual (CEBRAV), em Goiânia- GO, durante todo o ano de 2008, participando com diferentes profissionais na intervenção precoce de crianças deficientes visuais de 0 a 3 anos e na assistência a seus familiares.

O estágio é um rico processo de aprendizagem, indispensável á formação profissional, onde o aluno pode se preparar para a entrada no mercado de trabalho. Por meio dessas práticas, abrem-se possibilidades para o acadêmico relacionar o conteúdo teórico em sua efetividade à prática dentro do acontecer clínico, possibilitando, até mesmo, novas buscas e construções teóricas, adquirindo a capacidade de resolução de problemas frente as dificuldades que se apresentam. Na prática clínica supervisionada, o aluno-estagiário poderá tomar consciência das suas dificuldades, deficiências, acertos e erros, porém estes devem ser visto como possibilidades de expansão do aprendizado, permitindo-o refletir e buscar formas de intervenções mais adequadas e fundamentadas.

Numa perspectiva que amplia o universo de conhecimento do aluno-estagiário, a atuação numa equipe interdisciplinar configura-se como uma grande chance de aprendizado. O modelo da interdisciplinaridade, "qualificado pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas" (JAPIASSU, 1976), seguido a partir do viés da interdisciplinaridade estrutural, apresenta um processo interativo entre duas ou mais disciplinas que mantém uma dinâmica de igualdade, sem supremacia entre elas, permitindo uma troca recíproca e um crescimento mútuo. A metodologia interdisciplinar, segundo JAPIASSU (ibid), exige que tenhamos uma reflexão mais profunda e inovadora sobre os conceitos de filosofia e ciência, obrigando um desapego das nossas posições rígidas e assim proporcionando uma abertura para perspectivas e novos caminhos disciplinares.

Este modelo foi percebido como o mais adequado à visão e atuação nos atendimentos de intervenção precoce proporcionados no CEBRAV. Notamos que essa perspectiva favorecia o alcance, mais rápido, dos objetivos traçados pelos demais terapeutas, onde, através da utilização da música, pelo musicoterapeuta (BRUSCIA, 2000), um novo olhar se constituía entre os profissionais com a integração entre as diversas formas de expressão, dentre elas a música.

Na primeira etapa da vida da criança cega, recomenda-se uma intervenção mais diretiva aos pais e educadores. A criança cega, independente da sua deficiência, desenvolve mecanismos para estabelecer uma comunicação com o adulto, desde que este saiba interpretar as formas de comunicação que as crianças utilizam para conhecê-los e interagir com eles (OCHAÍTA, ESPINOSA, 2004). Durante a intervenção, os pais podem receber informações que contemplem tanto as capacidades dos seus filhos quanto também as vias alternativas que eles utilizarão para conhecer o mundo e entendam que esta criança possui outras capacidades. Com o conhecimento e orientação das especificidades desse contexto, prioriza-se que as intervenções terapêuticas sejam realizadas em conjunto com os pais e seus filhos, pois a partir da compreensão da comunicação desta criança os familiares e educadores poderão propiciar, de forma adequada, atividades e orientações relevantes à necessidade e

socialização da criança, evitando outros problemas físicos, psíquicos ou sensoriais associados (OCHAÍTA, ESPINOSA, *ibid*).

Segundo Júnior (2005, apud RAMOS, 2007) é importante compreender e distinguir o significado dos termos Intervenção Precoce e Estimulação Precoce:

Intervenção precoce é um conjunto de procedimentos de natureza médico-psico-social, que visa a percepção, em todos os níveis, de desvios no desenvolvimento infantil, enquanto que a estimulação precoce é um conjunto de técnicas de caráter sócioeducativo, que visa proporcionar a aquisição e ou incremento da aprendizagem nos primeiros dois anos. Portanto, a distinção está na abrangência, na compreensão de que a intervenção precoce não somente cuida das técnicas de estimulação que visam o desenvolvimento sócioeducativos, mas está preocupada com a saúde da criança, com a assistência prestada a família, alimentação e educação. Os fatores biopsicossociais são igualmente importantes.

A proposta musicoterapêutica realizada no CEBRAV³ enfatizou a intervenção precoce de crianças deficientes visuais de 0 à 3 anos, em conjunto com a assistência aos seus familiares, numa atuação interdisciplinar entre diferentes profissionais, tais como o Terapeuta Ocupacional, o Psicólogo, o Educador Físico e o Fonoaudiólogo. A sala de intervenção precoce, onde os atendimentos musicoterapêuticos às crianças eram realizados, simultaneamente com a presença do fonoaudiólogo e/ou do educador físico, juntamente com os familiares que eram assistidos pela psicóloga e a terapeuta ocupacional, oportunizava uma ambiência que ultrapassava o espaço físico restrito do grupo e/ou indivíduo atendido, mobilizando todos os presentes no espaço. Os profissionais que atuavam junto às crianças – o fonoaudiólogo, o educador físico e o musicoterapeuta-, tinham como objetivos a estimulação motora e o desenvolvimento da linguagem, potencializando as capacidades do indivíduo através da música. Os demais profissionais – psicólogo e terapeuta ocupacional- acolhiam os familiares passando esclarecimentos e orientações.

A música, no ambiente dos diversos atendimentos, proporcionou um grande crescimento não só entre a equipe, mas em todos os envolvidos, profissionais, familiares e pacientes. Segundo Bruscia (2000), encontramos na música esta potencialidade onde



³ O CEBRAV é uma instituição que oferece atendimento aos deficientes visuais e seus familiares e/ou cuidadores. A instituição tem uma estrutura composta de várias salas estruturadas para o desenvolvimento de atividades, quadra poli-esportiva, cozinha, parte administrativa e recepção. Estes ambientes foram adaptados às necessidades dos usuários cegos. Cada profissional tem seu ambiente de atendimento dentro da instituição e alguns deles são compartilhados entre vários profissionais.

ela pode nos unir em sua presença, fato verificado quando cantamos uma música juntos, vivenciamos a mesma melodia, compartilhamos o mesmo centro tonal, articulamos a mesma letra, movimentando de acordo com o mesmo ritmo a cada momento, a cada som. Ao mesmo tempo, também recebemos de volta estímulos quando escutamos os mesmos sons e a mesmas palavras, sentindo o mesmo fluxo e refluxo, à medida que damos forma a cada frase. Então movemos esforços contínuos através de uma atenção para permanecemos juntos, tornando-nos um na experiência.

A dinâmica musical, vivenciada durante os atendimentos interdisciplinares, apresentava um meio natural e fácil de relacionar com os outros participantes, proporcionando uma comunicação diferenciada e um crescimento grupal. Segundo Bruscia (2000), a Musicoterapia é transdisciplinar, ela não se qualifica como uma disciplina isolada e singular, mas é fruto de uma combinação dinâmica de muitas disciplinas em torno de duas áreas: música e terapia. Este caráter transdisciplinar proporciona uma diversidade na aplicabilidade da Musicoterapia tanto nas áreas de atuação quanto na clientela atendida, procurando englobar toda a multiplicidade sem perder a integridade. A transdisciplinaridade configura-se por um modelo de sistema total, de níveis e objetivos múltiplos, coordenando todas as disciplinas e interdisciplinas tendo em vista uma finalidade comum dos sistemas, e que teve sua criação para representar a gradação entre a multi, pluri e interdisciplinaridade (JAPIASSU, 1976).

Em alguns momentos, a equipe estruturava atendimentos separados para as famílias, porém todo o planejamento era realizado com a presença dos profissionais que atuavam no programa da intervenção precoce. As atividades e objetivos eram traçados conjuntamente, e neste momento víamos a construção de um planejamento interdisciplinar. Segundo Japiassu (1976), o modelo de interdisciplinaridade apresenta um processo interativo entre duas ou mais disciplinas que mantém uma dinâmica de igualdade, sem supremacia entre elas, permitindo uma troca recíproca e um crescimento mútuo. Percebíamos que era justamente essa troca o que ocorria quando cada profissional, com sua especificidade, conseguia introduzir o seu conhecimento e aplicabilidades da sua área sem desfazer das considerações trazidas pela atuação do outro profissional, nem sobrepor, mas, juntos, construíam um único conjunto de procedimentos.

Somente o trabalho em equipe multi- ou interdisciplinar é capaz de permitir uma outra dimensão e compreensão ao trabalho, favorecendo o alcance da eficácia e produtividade no trabalho terapêutico desenvolvido (JAPIASSU, 1976).

A partir deste trabalho em equipe, percebemos que essa perspectiva interdisciplinar favorecia o alcance mais rápido dos objetivos traçados pelos terapeutas, onde, através da utilização da música, pelo musicoterapeuta (BRUSCIA, 2000), um novo olhar se constituía entre os profissionais com a integração entre as diversas formas de expressão. A musicoterapeuta atuava no grupo com a utilização da música como elemento terapêutico, a fim de proporcionar maior envolvimento da criança nas atividades e alcançando, mais rapidamente, os objetivos traçado pela equipe. Objetivos que geralmente contemplavam os aspectos motores, socialização da criança, desenvolvimento de hábitos e costumes, fortalecimento/construção do vínculo da criança com a família, dentre outros. Buscávamos promover a saúde utilizando as

experiências musicais e as relações que elas proporcionam como forças dinâmicas de mudanças (BRUSCIA, 2000).

Após os atendimentos, o grupo de profissionais se reunia para realizar estudos sobre o caso atendido, integrando suas visões em busca de um único objetivo: o desenvolvimento global do paciente. Este momento, para grupo, proporcionava uma grande riqueza de aprendizagem e capacitação, onde cada profissional relatava sua leitura sobre o atendimento realizado e ouvia os relatos dos colegas, constituindo uma visão integradora sobre a clientela e as propostas interventivas realizadas. Esse era o momento em que ocorria o desenvolvimento da metodologia interdisciplinar, onde cada relato propiciava aos participantes da equipe um 'desapego' das posições disciplinares especializadas (JAPIASSU, 1976), fechadas, possibilitando a abertura para perspectivas e novos caminhos na terapêutica das crianças cegas.

Conclui-se que a participação do musicoterapeuta, a partir dos atendimentos interdisciplinares propostos em uma equipe com essa perspectiva, favorece diversas ações: o desenvolvimento global do indivíduo, a ampliação da aplicabilidade da Musicoterapia, tanto na construção quanto na expansão de conhecimentos entre todos os profissionais e a abertura de canais de comunicação entre todos os envolvidos.

Finalizando esta vivência, alcançamos uma prática de estágio advinda de aprendizados que acontece numa via de mão dupla: os alunos-estagiários aprendem com os profissionais dos serviços e estes expandem suas qualificações com aqueles. **TODOS CRESCEM!**

REFERÊNCIAS

- BRUSCIA, Kenneth E. Definindo musicoterapia, 2ª ed. Rio de Janeiro: enelivros, 2000.
- JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- RAMOS, Débora A. Um olhar diferente a psicopedagogia e o bebê deficiente visual. 2007. 61f. Monografia (especialização em psicopedagogia institucional) – Instituto a Vez do Mestre, Universidade Candido Mendes, Goiânia, 2007.
- OCHAÍTA, E; ESPINOSA M. A. Desenvolvimento e intervenção educativa nas crianças cegas ou deficientes visuais. Desenvolvimento Psicológico e Educação, v. 3, p. 151-172. 2004.

103- Pisando o Palco- um resultado da musicoterapia com pacientes adultos cegos. Mara Toffolo/MG¹ e Marina Toffolo/MG².

O projeto "Pisando o Palco" nasceu no decorrer das sessões de musicoterapia, realizadas com pacientes adultos cegos na APAE - Ouro Preto. Durante doze sessões às quais o grupo foi submetido, foi observado o desejo dos mesmos em se apresentar em público.

Nesse projeto a apresentação em público representa um elemento capaz de simbolizar um processo de experiência coletiva, evocando vivências musicais, acolhendo e transformando aspectos individuais e coletivos do grupo.

O principal objetivo dessa experiência era utilizar-se da apresentação em público com diferentes tipos de experiências musicais, capaz de permitir a interação entre o coletivo – a experiência do grupo inteiro, o social – a experiência trocada com a sociedade que o assiste, o pessoal – a experiência própria do paciente. O desafio dessa prática é fazer com que a apresentação se torne um elemento a mais dentro do contexto musicoterápico.

Música, musicoterapia, apresentação em público e auto-estima

A música tem o poder de atuar intensamente no mundo interno da pessoa. Tal capacidade faz da música uma arte ímpar, uma experiência estética que mobilize as possibilidades do indivíduo. Este se descobre capaz de criar e de expressar, por meio dela, emoções, sentimentos, estado de espírito (Haguinara, 2003).

Segundo Bruscia (2000) a música é experienciada como um processo artístico sempre que o foco está no puro prazer estético derivado do ato de fazer música ou ouvir música. O produto resultante dessa prática, de se fazer música, se dá pelo valor estético de improvisar, compor, re-criar, apresentar e alcançar o processo artístico.

¹ Bacharelado em Violino pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Musicoterapeuta em formação pelo Conservatório Brasileiro de Música - Rio de Janeiro Integrante da Orquestra Ouro Preto desde 2002. Trabalhou em diversos projetos promovendo a inicialização de crianças e adultos no estudo do violino. Desenvolveu trabalhos na área de educação infantil com o projeto Musicalização Através da Vivência e Construção de Instrumentos Alternativos. Professora de LIBRAS. Coordenadora do Instituto Candonguêro Arte e Cultura na cidade de Ouro Preto-MG. maratoffolo@hotmail.com

² Bacharelado em Violino pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Musicoterapeuta em formação pelo Conservatório Brasileiro de Música - Rio de Janeiro Trabalhou em diversos projetos promovendo a inicialização de crianças e adultos no estudo do violino. Desenvolveu trabalhos na área de educação infantil com o projeto Musicalização Através da Vivência e Construção de Instrumentos Alternativos. Capacitada em LIBRAS. Professora e Coordenadora do Instituto Candonguêro Arte e Cultura na cidade de Ouro Preto-MG. mtoffolo@gmail.com